

A HISTÓRIA TEOLÓGICA DE JUDEUS E CRISTÃOS

META

Apresentar a concepção judaica e cristã de história e suas principais marcas para o pensamento filosófico ocidental sobre a História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender a concepção de história dos judeus e do cristianismo e seus efeitos sobre a concepção ocidental de história e caracterizar o enraizamento da modernidade nesta concepção.

PRÉ-REQUISITO

Leitura dos capítulos 1, 11-13 do livro Gênesis e o versículo 8 do capítulo 1 do livro do Apocalipse na Bíblia.

Leitura da lição 12 do livro de *Introdução à Filosofia (CESAD)*.



O muro cidental em jerusalem é o que resta do segundo templo de salomao um lugar sagrado para o povo judeu (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

INTRODUÇÃO

A idéia de uma história linear e universalista é uma contribuição tipicamente judaica e cristã. A divisão em épocas também faz parte deste mesmo legado, assim como a noção de uma força diretriz agindo no processo histórico. A necessidade de estudar essa forma de pensar a história é premente, mesmo que seu acento seja fortemente teológico e anti-humanista. Este é o esforço que faremos nas próximas páginas.



Niccolò di Liberatore. *Vir Dolorum* (*Cristo Morto no Sarcófago*), 1480-1500
(Jesus Cristo é o maior símbolo do Cristianismo). (Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>).

Tratada como conhecimento secundário pelos Gregos e de certo modo também pelos romanos, a história humana torna-se o centro da atenção e do sentido da própria realidade de tudo o que existe, estando voltado para ela e nela atuante não somente o homem, mas o próprio Deus. Assim judeus e cristãos se voltam para a história e dela se ocupam com tamanha força que são vistos como responsáveis por uma verdadeira e revolucionária transformação do significado da história.

Se não há dúvida sobre a presença da idéia judeu-cristã de história no cotidiano das sociedades ocidentais, principalmente pela difusão do cristianismo como religião que pretendeu universalizar-se, também não há como negar seu impacto e sua presença no pensar sobre a história (filosofias da história) no ocidente. São suas principais contribuições para a problematização da história (a) a indagação pela presença e atuação de um ser divino ou absoluto contracenando com o ser humano, (b) o questionamento da integralidade da razão e da liberdade humanas nas decisões sobre a condução do processo histórico, além da exposição definida da (c) idéia de uma história universal unificada ou cosmopolita, sendo a história, desse modo, não somente um único palco para todas as nações, mas, principalmente, um mesmo enredo do qual todos os povos participam.



Relógio medieval em Praga (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

A idéia de história para os judeus é universalista e de cunho moral. Conforme estudiosos do Antigo Testamento, a concepção judaica da história tem como centro a idéia de um “pacto” (testamento) e o conceito de “eleição”. Tais biblistas e teólogos localizam, por volta do século VIII a.C., o surgimento de tradições que visando uma rápida e estrutural ação político-pedagógica, insistem numa versão da história em que as ocorrências são determinadas pela fidelidade ou pela infidelidade do povo ao pacto com Javé (Deus), mesmo uma eventual destruição da nação (que naquele momento era iminente) não significaria o fim, mas o último ato estava pré-determinado e seria a vitória de Javé, a reestruturação do povo, a oferta de salvação a todas as nações e o julgamento. Uma destas tradições é a “obra historiográfica do deuteronomista (OHD)”, que na verdade se constitui em uma hipótese sobre a existência de um conjunto de escritos que partem do Deuterônomo - último livro do Pentateuco (primeiros 5 livros do Antigo Testamento) e se expande pelos livros históricos de Josué, Juízes até os livros dos Reis.

Fato marcante ligado a este é a emergência, neste contexto (Séc. VIII a.C. na palestina) da atuação dos profetas e do início da redação dos

livros a eles atribuídos. Em suas atuações os profetas assumem esta mesma perspectiva perante a história e de modo bem diversificado interpretam-na à luz da quebra do pacto com Javé e das conseqüências disto resultantes. O chamado “monoteísmo ético” se fortalece na religião israelita do período da realeza (pré-exílico) e exílico (FOHER, 1983, p. 164-181; 288-377). A tese da existência de um único Deus forçará a concepção de uma única história e de um sentido conforme os seus desígnios, pois Deus não mudará seu pacto, seus planos, nem suas promessas e seu cumprimento. Havendo, portanto, um sentido ético (responsabilidade) nas ações humanas, é delas que depende o enredo (futuro) da história, se bênçãos ou maldições.



Santo Agostinho (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

A visão cristã da história segue em harmonia com a idéia universalista, linear e escatológica [doutrina sobre os acontecimentos do tempo futuro] do judaísmo, mesmo que o enredo, olhado em si, pareça cíclico com as sucessivas desventuras humanas errantes do alvo divino (pecado) e a seguida oferta divina de redenção (graça/salvação). Conforme Collingwood (1986, p. 65-69), as idéias cristãs impactaram fortemente conceitos centrais da historiografia greco-romana, a saber: o humanismo, o substancialismo e o particularismo:

a) A experiência moral expressa pelo cristianismo continha [...] um sentido da cegueira humana na ação: [...] não uma cegueira fortuita, [...] mas um cegueira inevitável, inerente à própria ação. Segundo a doutrina cristã, não se pode evitar que o homem atue nas trevas, sem saber o que resultará da sua ação. Essa incapacidade para atingir objetivos (em grego: *amartia* = errar o alvo / pecado) já não é considerada como um elemento acidental, mas permanente da natureza humana [...] É este o pecado original que Santo Agostinho tanto salientava.[...] a sabedoria utilizada nas suas ações não lhe pertence, é a sabedoria de Deus por cuja graça os desejos do homem são dirigidos para fins dignos [...] porque os homens executam os desejos de Deus. b) A doutrina metafísica da substância [substância = substrato, aquilo que sustenta e permite a existência de algo] na filosofia greco-romana foi posta em causa pela doutrina cristã da criação. Segundo esta doutrina, nada é eterno, exceto Deus, e tudo o mais foi criado por Deus. [...] Deus pode gerar uma evolução no caráter de um indivíduo ou de um povo já criados.

[...] A introdução das idéias cristãs teve um tríplice efeito no modo como a história era concebida: a) Desenvolveu-se uma nova atitude em relação à história, segundo a qual o processo histórico é a execução não das intenções humanas, mas dos desígnios divinos. [...] Deus é o único agente, porque é apenas através da atuação da providência divina que o exercício da vontade humana, num dado momento conduz a este resultado [...] o homem é o fim por causa do qual se verificam os acontecimento históricos, pois o objeto de Deus é o bem-estar do homem; num outro sentido, o homem existe apenas como um meio de concretização das finalidades divinas [...]. b) [...] Foi uma profunda revolução no pensamento histórico, significando que o processo da transformação histórica já não era concebido como fluindo pela superfície das coisas e afetando apenas seus acidentes, mas como envolvendo a sua verdadeira substância, provocando assim uma criação e uma destruição autênticas. c) [...] Uma terceira modificação baseava-se no universalismo da atitude cristã. Para os cristãos, todos os homens são iguais perante Deus; não há povo eleito, não há raça ou classe privilegiadas [...] Todas as pessoas e todos os povos são abrangidos pela realização dos

desígnios divinos. [...] Portanto, o processo histórico é sempre e em todos os lugares, da mesma espécie, sendo cada uma de suas partes uma parte do mesmo todo. Os cristãos não podem limitar-se à história romana ou à história hebraica ou a qualquer história parcial e particularista: pretendem uma história do mundo uma história universal; cujo tema há-de ser o desenvolvimento geral dos desígnios divinos, em relação á vida humana.



Idade Média - Providência (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

Desta visão extraem-se as seguintes *características da historiografia cristã e medieval: universalismo, providencialismo, apocalipsismo e epocalismo*. Como as duas primeiras características já foram bem situadas nas discussões acima queremos explicitar, ainda que sinteticamente, a idéia do caráter apocalíptico e epocal da historiografia cristã e medieval. O *caráter apocalíptico* é aquele que interpreta a história como história da “revelação” [o significado do termo apocalipse em grego é revelação] ou da salvação, conce-

bendo-a em dois níveis ou duas partes, das quais uma é treva ou perdição e a outra para qual aquela se encaminha é luz e salvação por Cristo. O período inaugurado por Cristo automaticamente, segundo esta visão é o da Igreja, o que a coloca em situação especial perante o curso da história humana. Quanto ao *caráter epocal* este diz respeito ao esforço de identificar o processo da revelação na história, demarcando-a épocas, a partir de grandes eventos ou transformações. Ambos os expedientes se fazem bem presentes nas teologias da história de Paulo (a época da lei e a era da graça), Agostinho (a cidade terrena e a cidade celeste), Clemente de Alexandria (a história grega e a era cristã), Eusébio de Cesaréia (os impérios antigos e a era da Igreja) e Joaquim de Fiori (os reinados do Pai, do Filho e do Espírito Santo) (Cf. WALKER, 1983).



Joaquim de Fiori (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

A estas características deve-se acrescentar que o esforço de discernir as épocas, unido ao pressuposto de um plano divino da história, despertará o interesse de aplicação dos recursos interpretativos historiográficos

na direção do *conhecimento do futuro*. Assim surgem as tentativas de *previsão escatológica* (doutrina que ensina sobre os últimos acontecimentos da história), bem como de correção do fluxo da história ou de antecipação do fim. Este espírito, entretanto, apesar de aparentemente rechaçável, tem seu lugar reservado em épocas específicas, tipificando as teorias milenaristas e utópicas.

Os reflexos desta concepção em temas tipicamente modernos revelam o enraizamento desta última forma de pensar em bases cristãs, nem sempre explicitadas pelos seus articuladores. Sendo assim, vejamos: a historiografia moderna é bastante afeita a divisões em idades e períodos; a hipótese de um plano em andamento foi bem típica da busca das utopias históricas e filosóficas dos séculos XVIII, XIX e XX. Supor períodos e planos na história representou uma forma de pensamento que entendia o sentido da história como algo dado e realizável, o que trouxe consigo suas diversas consequências esclarecedoras e importunas, principalmente no plano político (imperialismo) e moral (racismo evolucionista).

Sem entrarmos agora nas características do pensamento moderno sobre a história, devemos, todavia, registrar que do pensamento cristão e medieval sobre a história repercutem até o pensamento atual problemas típicos do pensar a história: 1- a busca do sentido da história extrapolado o poder de realização humano, seja supondo a natureza ou ser divino; 2-

demanda por um conhecimento extra-histórico para explicar a história; 3- tratamento das fases (épocas) como transição, principalmente do tempo presente; 4- busca de um sentido absoluto a partir de “evidências” finitas para ações limitadas pelas circunstâncias e poderes humanos; 5- relações entre história, política e ética.

A crítica à metafísica [saber sobre o ser ou sobre a essência de tudo o que existe] e à religião, porém, contribuirá na modernidade para o banimento de certos entes (preponderantes no pensamento histórico cristão medieval) e ao mesmo tempo acarretará outros problemas para o conhecimento histórico enquanto demanda humana por autoconhecimento e pelo sentido da existência.



Idade Média (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

CONCLUSÃO

A idéia de história linear e universalista, a divisão em épocas e a noção de uma força diretriz agindo no processo histórico (a divina providência) são contribuições do pensamento judeu-cristão para a filosofia da história. Apesar de seu acento fortemente teológico e anti-humanista seus temas dão o que pensar até aos nossos dias.



RESUMO

A concepção cristã impactou a idéia grega sobre a história nos seus conceitos de humanismo, substancialismo e particularismo. O conhecimento deste impacto pela apresentação dos conceitos de criação, providência, universalismo, escatologia e epocalismo significa o recolhimento do legado judeu-cristão e do pensar que este encontro de mentalidade representa para a reflexão em filosofia da história.





ATIVIDADES

1. Apresente os elementos “herdados” pelos modernos da concepção judeu-cristã de história.
2. Destaque os principais problemas filosóficos da concepção cristã da história.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Considerar a mais clara possível apresentação dos conceitos e utilizar na sua resposta suas conclusões sobre a leitura dos textos bíblicos indicados.



PRÓXIMA AULA

A lição nº 4 tratará da concepção iluminista da história, marco de um pensar autônomo sobre a história e de atitude positiva para com o conhecimento científico da história.

REFERÊNCIAS

- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Mem Martins. _____ Portugal: Publicações Europa-América, 1990.
- COLLINGWOOD, R. G. **A ideia de História**. 6 ed. Tradução: Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. Tradução: Josué Xavier. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- LÖWITH, Karl. **O sentido da História**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- RICOEUR, Paul. **História e verdade**. Tradução: F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, s/d.
- WALKER, W. **História da igreja cristã**. Vols. I e II. 4 ed. Tradução: Glênio Vergara. São Paulo: ASTE/JuERP, 1983.